

CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS-UNIS/MG
COMUNICAÇÃO SOCIAL COM HABILITAÇÃO EM
JORNALISMO
LUAN ARAÚJO SILVA

DISRUPÇÃO DO JORNALISMO: uma nova modalidade, o jornalismo gonzo

Varginha
2019

LUAN ARAÚJO SILVA

**DISRUPÇÃO DO JORNALISMO: uma nova modalidade, o
jornalismo gonzo**

Monografia apresentada ao curso de Comunicação social com Habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS/MG como pré-requisito para obtenção do grau de bacharel, sob orientação do Prof. Marco Nogueira Azze.

**Varginha
2019**

LUAN ARAUJO SILVA

DISRUPÇÃO DO JORNALISMO: uma nova modalidade, o jornalismo

gonzo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas Gerais - UNISMG como pré-requisito para obtenção do grau de Bacharel, sob a orientação do Professor Marco Antônio Nogueira Azze.

Aprovado em 25/11/2019



Esp. Marco Antônio Nogueira Azze



M^{te}. Giselle Nishiyama



Dra. Terezinha Richartz

Dedico esse trabalho a todos que
contribuíram de alguma forma, desde
sua introdução a conclusão.

AGRADECIMENTOS

A meu pai pelo incentivo e confiança.
Obrigado a todos pela motivação.

RESUMO

O trabalho a seguir analisa uma nova forma de se passar informação, tendo como nome: DISRUPÇÃO DO JORNALISMO: uma nova modalidade, o jornalismo gonzo. A abordagem é devido ao fato de que a modalidade gonzo está cada dia mais presente nos meios de comunicação, com a tendência, o jeito de passar informações em meio à sociedade visa aproximar o telespectador do jornalista, ou seja, diminuir a distância entre o emissor e o receptor.

O gonzo jornalismo destina-se ao público que tem interesse em uma nova proposta de como se inteirar de uma notícia, onde ocorre interferência pessoal do próprio escritor, deixando o material totalmente parcial e com a cara do autor. Você pode ou não acreditar no que será lido ou observado, conseqüentemente trazendo uma nova perspectiva para o receptor.

A finalidade deste trabalho é distinguir o jornalismo gonzo do jornalismo tradicional, sendo uma nova tendência para os anos seguintes, apesar de ser relativamente antiga, a disrupção que o modelo traz, contribui com uma nova forma de se apresentar as informações para o público.

Esta tarefa será conseguida através da Pesquisa bibliográfica. Nessa técnica de pesquisa o pesquisador busca a resposta de um problema a partir de referências teóricas publicadas (livros, revistas, periódicos, etc.) caracterizando uma espécie de coleta de informações/dados.

Palavras-chave: Gonzo. Disrupção. Literatura.

ABSTRACT

DISRUPTION OF JOURNALISM: a new mode, gonzo

The following paper analyzes a new way of passing information, named: DISRUPTION OF JOURNALISM: a new modality, gonzo journalism. This approach is due to the fact that the gonzo modality is increasingly present in the media, with the tendency, the way to pass information in the midst of society aims to bring the viewer closer to the journalist, ie, to reduce the distance between the broadcaster and the receiver.

The gonzo journalism is intended for the public who is interested in a new proposal of how to find out about a news, where personal interference of the writer occurs, leaving the material totally partial and with the face of the author. You may or may not believe what will be read or observed, thereby bringing a new perspective to the recipient.

The purpose of this paper is to distinguish gonzo journalism from traditional journalism, being a new trend for the following years, despite being relatively old, the disruption that the model brings, contributes to a new way of presenting information to the public.

This task will be accomplished through the bibliographic search. In this research technique the researcher seeks the answer of a problem from published theoretical references (books, magazines, journals, etc.) characterizing a kind of information / data collection.

Keywords: *Gonzo. Disruption. Literature.*

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	DESENVOLVIMENTO.....	9
3	HUNTER S THOMPSON.....	10
4	ARTHUR VERÍSSIMO.....	13
4.1	O LIVRO GONZO.....	13
5	CARACTERÍSTICAS DO GONZO.....	15
6	NA MÍDIA BRASILEIRA.....	17
7	CONCLUSÃO.....	23
	REFERÊNCIAS.....	24

1 INTRODUÇÃO

O trabalho a seguir aborda o tema sobre **DISRUPÇÃO DO JORNALISMO**: uma nova modalidade, o jornalismo gonzo.

De que forma o jornalismo gonzo pode contribuir para a difusão de informações voltadas ao despontar de um novo público?

A modalidade gonzo está cada dia mais presente nos meios de comunicação, com a tendência, o jeito de passar informações em meio à sociedade, visa aproximar o telespectador do jornalista, ou seja, diminuir a distância entre o emissor e o receptor. O gonzo jornalismo destina-se ao público que tem interesse em uma nova proposta de como se inteirar de uma notícia, onde ocorre interferência pessoal do próprio escritor, deixando o material totalmente parcial e com a cara do autor.

O trabalho salienta a importância de se reinventar novas formas de passar a informação para o público, uma vez que o fazer jornalístico está evoluindo, a recepção da massa com a notícia tem de ser mais absorvida e despertar interesse para o assunto em questão.

A finalidade desta pesquisa é distinguir o jornalismo gonzo do jornalismo tradicional, mostrando uma nova forma de se passar a informação.

2 DESENVOLVIMENTO

O trabalho consiste em mostrar uma nova espécie no jornalismo, o gonzo, que rompe a sua maneira de tradicional de passar a informação. O gonzo usa de características incomuns quando se pensa em jornalismo. A peculiaridade do estilo traz uma nova forma do receptor receber as informações, até então pouca usada pelos tradicionais canais de comunicação, a aposta é que nos próximos anos essa categoria tende a se tornar mais explorada em todos os meios.

Hunter S Thompson foi a pessoa responsável pelo Gonzo nascer, considerado o “pai” da categoria, seus textos continham traços peculiares na época de 1960, usava da ironia e da ficção em muitos de seus trabalhos, foi assim que o estilo foi se solidificando dentro do meio de comunicação. (HUNTER..., [2019?]).

Arthur Veríssimo é o que podemos dizer sendo o mais adaptado da modalidade gonzo no Brasil. Nascido no Rio de Janeiro no dia 10 de fevereiro de 1959, começou seu gosto por literatura aos 16 anos. Aos 20, Arthur iniciou sua carreira como jornalista,

viajou o mundo contando histórias através de seu livro, relatando 30 histórias exóticas e perigosas sendo ele o protagonista. (EXEPCIONALMENTE..., 2014.).

A escrita do gonzo se difere quando comparadas as outras maneiras de fazer jornalismo, pois a variante pode ser usada para passar reais emoções experimentadas pelo próprio autor da ciência em ação. Há também artifícios usados de ficção e não ficção, misturando as duas coisas em seus contos, abusos de sarcasmo e fortes tendências a textos serem subjetivos e exaltando opiniões pessoais.

Nos veículos Brasileiros de informação, também podemos encontrar projetos que trajam o estilo gonzo, embora não seja muito comum, há programas que estão em ação nos dias atuais, levando a modalidade diferente de como o jornalismo clássico executa para o internauta Brasileiro.

3 Hunter S. Thompson

Inicialmente saber como foi consolidado e criado a modalidade gonzo é de essencial importância para este trabalho, como foi a vida de seu fundador até a categoria se solidificar no mercado, como teve a primeira experiência com esse tipo de material, isso ditará os rumos da discrepância e do porquê ser tão diferente do jornalismo tradicional.

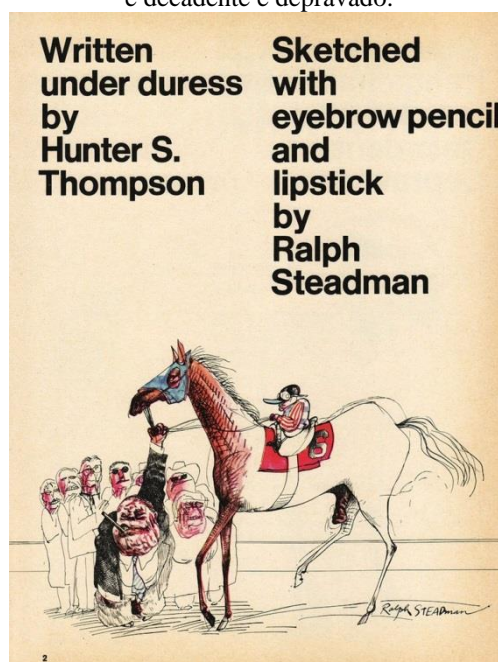
Hunter S. Thompson nasceu em 1937, no estado norte americano de Kentucky. Considerado o pai do jornalismo gonzo, sua carreira rumo ao estrelato deu-se no ano de 1962, quando concomitantemente o *New Journalism* estava sendo apresentado. Thompson foi reconhecido por escrever exageradamente suas emoções em detalhes, assim surgia um dos novos métodos de escrita do Gonzo. Weingarten afirma em seu livro que, para Thompson, nenhuma reportagem tinha valor se ele não pudesse “mergulhar, de corpo e alma, e sair do outro lado com o texto tingido de seu próprio sangue e suor”. (WEINGARTEN, 2010, p.152).

Thompson teve uma adolescência conturbada antes de se sentar-se à mesa dos grandes escritores, foi preso aos 15 anos de idade por roubo e parte da pena foi se alistar na Força Aérea dos Estados Unidos, onde teve seu primeiro contato com o jornalismo. Mais tarde, trabalhando no jornal da base onde servia, ali descobriu seu gosto pela leitura e escrita. Quando foi dispensado, ingressou na universidade de Columbia em Nova Iorque, teve aulas de escrita de contos e inspirou-se no movimento *beat* para levar o seu estilo de vida. (Movimento *beat*: criado em meados de 1950 por um grupo de

jovens literários (escritores, poetas, dramaturgos) que se cansaram do modelo de ordem padrão estabelecido pelos EUA, após a Segunda Guerra Mundial. As características do movimento são: intensidade ao escrever, jargões e palavrões, linguagem informal, escrita compulsiva.). Enquanto continuava seus estudos, conseguiu uma vaga de copiadador na revista *Time*, quando mais tarde foi despedido por indisciplina.

Sua carreira propriamente dita com o gonzo, começou quando foi cobrir uma corrida de cavalos em sua cidade natal, Louisville. O artigo se intitulava *The Kentucky Derby is Decadent and Depraved* (O Kentucky Derby é Decadente e Depravado.)

Figura 1 – Artigo O Kentucky Derby é decadente e depravado.



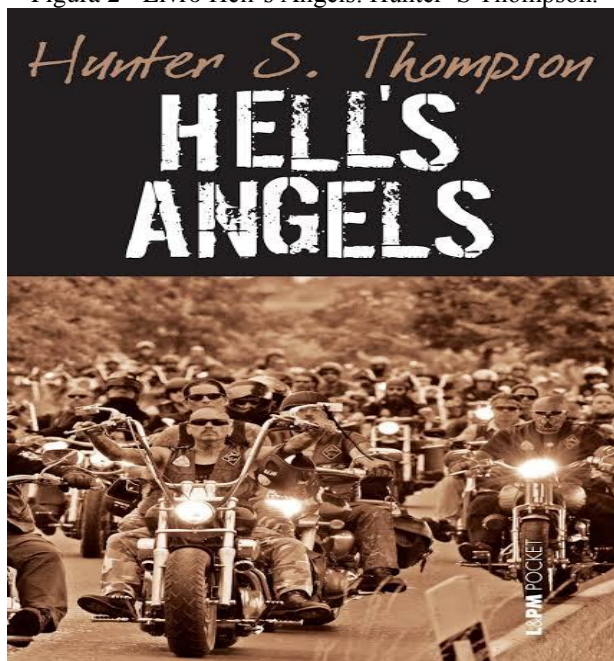
Fonte: (kyforky.com)

Thompson passou quatro dias cobrindo as corridas, mas sem nenhum interesse pelo resultado final. Abusou de drogas e escreveu um artigo altamente egocêntrico, criticando a sociedade do sul dos Estados Unidos, onde sua narrativa não combinava com nenhuma formalidade de fazer jornalismo naquela época. Nenhum jornalista tinha ido tão longe com as suas palavras.

Falando sobre a ascensão, ela viria com seu livro mais aclamado que se chama: *Hells Angels*. O livro conta a história de motociclistas que aterrorizavam a sociedade por onde passavam, a trama é banhada a sangue, crimes, sexo e drogas. Thompson passou por volta de um ano junto aos foras da lei de jaquetas de couro preta. O livro foi

lançado em 1967. Essa foi a primeira peça genuína para o gonzo se consolidar. “... A ameaça está solta novamente, os *Hells Angels* a preciosa manchete do jornal, correm e fazem barulho na estrada de manhã cedo, sentado nos bancos baixos, ninguém sorri, amontoando-se como loucos no meio do trânsito e passando pela pista do meio a 140 km/h, tirando vários finos...” (THOMPSON, 2004, p.13).

Figura 2 - Livro Hell's Angels. Hunter S Thompson.



Fonte: (lpm.com.br)

Thompson se arriscava de corpo e alma para trazer a essência da história da forma mais infame possível, seja a história qualquer que fora, dando o toque genuíno de sua visão do mundo.

“Era irresponsável, no sentido tradicional, mas há uma crítica demolidora a uma cultura tacanha sob a superfície das cenas dos artigos bem-humorados de Thompson, um ato de acrobacia sério-cômico que nenhum outro jornalista nos Estados Unidos era capaz de executar com tanta segurança. O jornalista perturbado pode ser maluco, mas os bons e velhos meninos e os burros são muito mais perigosos” (WEINGARTEN, 2010, p. 280).

Hunter Thompson faleceu em 20 de fevereiro no ano de 2005, quando atirou em sua própria cabeça. Em seu funeral, suas cinzas foram espalhadas por um canhão em cima de um monumento em forma de punho gigante. A cerimônia foi patrocinada pelo

ator Johnny Depp, que interpretou Thompson nos filmes: Medo e delírio em Las Vegas (1998) e Rum: diário de um jornalista bêbado (2012). (CINZAS..., 2005).

4 Arthur Veríssimo

Arthur Veríssimo Vieira de Mello Pereira é o que podemos chamar pupilo de Hunter Thompson. Nascido em 1959, no estado do Rio de Janeiro, não demorou muito, seus pais se mudaram para São Paulo, quando tinha apenas cinco anos. Arthur teve uma infância normal como de maioria, era praticante de esportes como vôlei, basquete e ginástica olímpica. Pode ser que seus gostos por ação o influenciariam em grandes aventuras no futuro, quando com 20 anos estreou em uma revista de música chamada *Transe*, onde a sede era em Brasília, no ano de 1979.

Veríssimo antes de ser um exímio escritor de gonzo e aventureiro nato, trabalhou como *DJ* (disco-jóquei) até o ano de 1983. Foi somente em 1986 que conseguiu seu primeiro emprego fixo, na revista *Trip*, onde ficou por mais de 20 anos como repórter. No ano de 1998, trabalhou para o apresentador Ratinho, na rede SBT, Sistema Brasileiro de Televisão, no qual mostrou gravações de sua visita ao festival religioso indiano *Kumbh Mela*. Arthur permaneceu no programa por dois anos e meio, em seguida, trabalhou com o também apresentador Gugu Liberato no programa Domingo Legal, na mesma emissora.

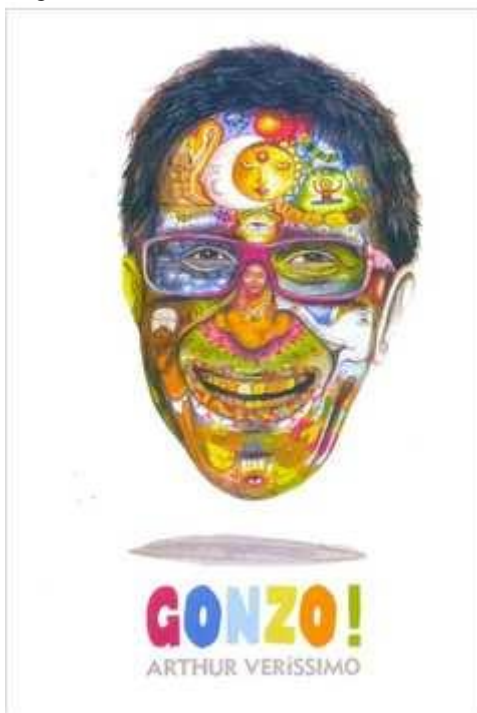
Entre inúmeras viagens ao exterior e aventuras para lá de exuberantes, Arthur resolve escrever um livro intitulado como *Gonzo!* Onde o mesmo conta em primeira pessoa 30 reportagens no estilo gonzo dentre as mais diferentes culturas.

4.1 O livro gonzo

A obra *Gonzo!* De Arthur Veríssimo é legitimamente escrito com todas as características do modo.

O repórter, considerado louco por nascença, se aventura por mais de 20 países para contar histórias das mais diferentes iguarias pelo mundo, desde uma viagem para a Tailândia, recebendo uma massagem exótica de seis mãos diferentes do sexo oposto, até viagens para o extremo da Amazônia, conhecendo índios que são praticamente incomunicáveis com o mundo externo.

Figura 3 - Livro Gonzo!. Arthur Veríssimo.



Fonte: (estantevirtual.com.br)

O uso de drogas e entorpecentes usufruídos pelo autor da história também é um ponto importante do gonzo, mas não necessariamente obrigatório. No livro de Arthur, podemos ver várias passagens por continentes a fora, em que o repórter faz uso de drogas e relata até mesmo seus efeitos alucinógenos. Uma espécie de metafísica toma conta do texto e o mais importante é que a história contada começa a fazer parte das experiências pessoais do emissor, deixando em segunda opção a informação na qual ele busca em sua temática.

“A mente se solta no vai-e-vem das pernas. Chuva de estrelas, arco-íris ao anoitecer, espectros luminosos, auto-analise profunda. Pensamentos bons e ruins embaralham a mente...” (VERÍSSIMO, 2014, p.85). “San Pedro dominava meu organismo, náuseas e ânsias de vômito implodiam meu aparelho... E o canto de Chasquero não tinha pausa... O ritmo obsessivo convidava meu corpo a liberar-se da substância estranha que havia gerido... Saí até a porta e depois de tropeçar dez passos vomitei uma solução estranha – cheia de cores e luzes.” (VERÍSSIMO, 2014, p. 46).

A contra cultura está presente na modalidade discutida. Veríssimo chega a visitar mais de dez religiões diferentes contadas em seus textos, entidades as quais se

diferem exageradamente dos costumes tradicionais de nosso país. Em uma viagem a Malásia, no festival de *Thaipusan*, o repórter discorre como sua moral faz com que ele sinta o preconceito do que está vivenciando no momento. Em primeira significação o mesmo acha que está participando de um ritual macabro e satânico, mas logo, quando se desliga da introjeção feita por seu passado, percebe que aquilo é a mais pura forma de crentes terem a ligação com seus Deuses. “Aqui eu contestava a fé e a força do divino mostrar-se no corpo da ensanguentada senhora.” (VERÍSSIMO, 2014, p. 54).

“No *grandfinale*, assistindo a todas zanzarem na felicidade mais absoluta após purgar pecados e promessas, com a sincronicidade reverberando por todo o ambiente, sinto que me conecto com os fiéis por uma estreita faixa espiritual. A lua cheia, a caverna, o rio, a montanha e a multidão completam meu quebra-cabeça... Tudo faz sentido, agora.” (VERÍSSIMO, 2014, p. 55).

O estilo discutido no trabalho e apresentado no livro entra também na categoria de jornalismo literário, por se tratar de uma modalidade que além de prezar pela verdade, se difere dos outros por dar a sua cara entre as linhas que percorrem o texto. Na obra do autor Demétrio, ele afirma que “... São polos complementares, que se colocam nos extremos da linguagem, e que, como tal, tocam-se na circularidade das relações que estabelecem entre si. O fim de uma forma de escrita é o princípio da outra.” (DEMÉTRIO, 2007, p. 74).

5 Características do gonzo

As características do gonzo são de peculiaridade quanto à escrita, falaremos sobre tais individualidades e como são usados por Thompson e Veríssimo.

A linguagem de Hunter Thompson por muitas das vezes tende a ser desleixada, descuidada e proveniente de sentimentos como raiva e ódio. Como na melhor forma do jornalismo literário, ele consegue por meio de seus textos repassar sentimentos até o leitor, fazendo com que a experiência se aprofunde ao máximo: “... Essas porras desses bichos estão por toda a parte – se instalando no meu bloco, nos meus pulsos, nos meus braços, circulando pela borda do meu corpo de Bacardi Añejo com gelo [...]” (THOMPSON, 2004, p. 210).

No gonzo, a utilização da ficção e não-ficção se mistura de uma forma que deixa até mesmo o leitor confuso.

O novo jornalismo acrescentava uma dimensão pessoal, impressionista e rebuscada ao relato do fato jornalístico, permitindo-se até introduzir-se no terreno da ficção, um pouco dos estilos dos ‘docudramas’ de TV, nos quais se pega uma história real, mas se colocam personagens fictícios para ‘esquentar’ e personalizar o enredo. Já os jornalistas literários, de acordo com Norman Sims, têm de ser exatos. No jornalismo literário, as personagens precisam ser humanizadas no jornal, exatamente como no livro de ficção, mas os seus sentimentos e suas ações dramáticas encerram uma força especial porque sabemos que suas histórias são verdadeiras (SILVA, 1991, p. 111-112).

No livro *Rum: diário de um jornalista bêbado*, consegue-se perceber numerosas coincidências sobre o autor da obra e o protagonista do enredo: os dois se mudam para *San Juan*, em Porto Rico, além do gosto parecido por mulheres e bebidas. No livro há várias passagens em que se misturam realidade e ficção, ocasionando ao leitor uma dúvida constante sobre se ele está focando no personagem principal, ou discorrendo sobre sua vida pessoal.

“Em certo sentido, eu era um deles – mais competente que alguns e mais instável que outros – e nos anos que carreguei essa bandeira esfarrapada raramente fiquei desempregado”. Cheguei a trabalhar para três jornais ao mesmo tempo. Redigi anúncios para novos cassinos e casas de boliche. Fui consultor dos organizadores das rinhas de galo, um crítico gastronômico terrivelmente corrupto, fotografei regatas e me tornei uma vítima rotineira da brutalidade policial”. (THOMPSON, 2014, p. 15).

“Ao mesmo tempo, nutria suspeitas melancólicas de que a vida que levávamos era uma causa perdida, que não passávamos de atores, enganando a nos mesmos numa odisséia sem sentido. Era a tensão entre esses dois pólos – um idealismo incansável e uma sensação de catástrofe iminente – que me dava forças para seguir adiante”. (THOMPSON, 2014, p. 16).

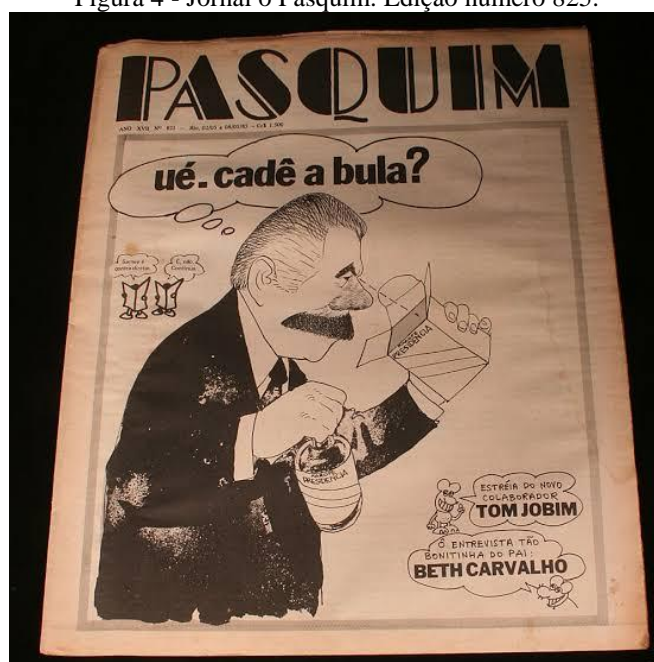
O texto em primeira pessoa é a característica mais importante para a modalidade, junto dele se encaixa o “abandono” das tradicionais técnicas de se passar a notícia, como o lead e a pirâmide invertida. O texto fica à mercê do seu criador, mas, não esquecendo nunca de informações que são de extrema importância para uma reportagem ficar completa, como dados estatísticos e resgate de histórias que preenchem o sentido da matéria, como no livro de Veríssimo: “Este é o único país na Ásia em que a maioria da população é católica: 93% dos 80 milhões de filipinos veneram a cruz e, em alguns locais, se comemora a Sexta-Feira Santa com autoflagelação”. (VERÍSSIMO, 2014, p. 106). “Segundo consta, a tradição da penitência iniciou-se na Europa entre o final do século XII e início do século XIII, como homenagem a morte de Cristo – até que, em 1349, o Papa Clemente VI condenou o ritual como heresia.” (VERÍSSIMO, 2014, p. 107).

6 Na mídia Brasileira

O gonzo no Brasil chegaria mais tarde, mas não se consolidaria de forma efetiva para se manter por muito tempo no impresso.

O Pasquim, lançado em 26 de junho de 1969, foi reconhecido por ter viés puxado para a contracultura e em oposição à ditadura. O jornal foi fundado por Sérgio de Magalhães Gomes, Tarso de Castro, Sérgio Cabral e Ziraldo Alves Pinto. Começou com 20 mil exemplares, atingiu 200 mil em meados de 1970. Tornou-se um dos maiores fenômenos na Indústria Editorial do Brasil. O periódico usufruiria de métodos do gonzo, como o uso de sarcasmo e a ironia, muitas delas apresentadas em caricaturas, mas com o cunho extremamente realista. Porém, após 1072 edições, em 1991, o jornal chegaria ao seu fim, durando 22 anos.

Figura 4 - Jornal o Pasquim. Edição número 825.



Fonte: (https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1025719536-pequena-coleco-com-8-exemplares-do-classico-jornal-pasquim-_JM)

Na televisão Brasileira temos alguns exemplos de programas jornalísticos que usam especificidades do gonzo:

O programa Profissão Repórter (2006-presente), da rede Globo de televisão, comandado pelo jornalista Caco Barcelos, tem a missão de mostrar o desafio do

entrevistador nas ruas do Brasil. O programa usa o formato em que o repórter faz a matéria designada e paralelamente experimenta a realidade junto de seu entrevistado. Como por exemplo, em uma reportagem feita com armas de fogo, onde a jornalista participa de uma competição com armas *airsoft*, experimentando a adrenalina do esporte. Também usam um método de cinegrafia interessante, o (a) repórter tem uma câmera focada para seu rosto o tempo todo, conseguindo pegar suas expressões de acordo com o ocorrido na matéria, simultaneamente com uma câmera em foco na ação do entrevistado.

Figura 5 - Profissão Repórter. Armas. 03/07/2019.



Fonte: (<https://globoplay.globo.com/v/7738890/>)

O programa CQC (2008-2015) (custe o que custar) da emissora Band tem também como objetivo tirar o “peso” de notícias sérias. Diferente de como atua o jornalismo tradicional em locais como o congresso e a câmera dos deputados, o repórter faz a pergunta de um jeito cômico e provocativo, deixando o público a par de assuntos que muitas vezes são desinteressantes para a maioria, como política e economia.

Figura 6 – CQC (custe o que custar) 14/03/2011.



Fonte: (youtube.com)

A rádio Jovem Pan FM abre espaço no programa Pânico (1993-presente) para assuntos polêmicos e de hard news na suas pautas. Comandado por Emílio Surita, o programa traz entrevistados que estão na boca do povo para esclarecer dúvidas e até mesmo se defender de ataques por terceiros, como o que aconteceu com o deputado federal Kim Kataguirí, do partido DEM (Democratas), convidado para comentar sobre fake news. Nota-se um tom sério nas perguntas e respostas, mas outros comentaristas têm a missão de deixar o clima agradável e cômico, entrando com piadas no meio das questões e suas resoluções.

Figura 7 – Programa Pânico. 30/08/2019.



Fonte: (youtube.com)

A liga (2010-2016), programa da emissora bandeirantes, usa o estilo jornalismo documentário, para observarmos as diferenças do programa para outros, temos algumas definições: o documentário introduzido como peça para reportagens não pode ser definido claramente em um gênero, por envolver muitos tipos em um só projeto tais como: modo expositivo e modo poético.

Entre a notícia, a grande reportagem e o documentário existe uma série de diferenças quanto ao tratamento da informação. A mais significativa delas diz respeito à mudança de gênero jornalístico. No entanto, as considerações até hoje feitas em manuais de jornalismo ou livros de comunicação sobre o emaranhado problema da classificação dos gêneros jornalísticos configuram-se pouco esclarecedoras. Limitam-se a dividi-los entre opinativos e informativos, esquecendo-se de apontar características linguísticas, discursivas, ou mesmo jornalísticas, intrínsecas a cada um deles. (MELO; MARIA DE A.M; MORAS, 1999, p.1.)

Quanto ao gênero documentário especificamente, parece ter se tornado senso comum que uma de suas características importantes é a profundidade com que o assunto é tratado. Em contrapartida, pode-se argumentar que, tanto quanto o documentário, a grande reportagem também busca ir fundo na investigação dos fatos. Além do mais, quais seriam os parâmetros que iriam apontar a maior ou menor profundidade de um programa? Então, a profundidade não é um critério válido como elemento diferenciador entre esses dois gêneros. Outros sustentam, ingenuamente, que a diferença entre reportagem e documentário diz respeito à questão do tempo de duração do programa: o documentário seria mais longo do que a reportagem. A nosso ver, esse critério de diferenciação é muito simplista. Seria inconsistente classificar uma matéria que dure 15 minutos como reportagem, e uma outra, com 15 minutos e 30 segundos, como documentário. (MELO; MARIA DE A.M; MORAS, 1999, p.1.)

O programa realizou uma entrevista em que a repórter Mariana Weickert se desloca até o morro de Santa fé em Osasco-SP. A igreja Céu de Maria é especializada na doutrina Santo Daime, onde a mesma irá experimentar o líquido espiritual, segundo os seguidores da ideologia. O foco da matéria é voltado para suas reações o tempo todo, um segundo repórter integrante do programa, faz uma espécie de entrevista com o entrevistador, perguntando seus sentimentos na hora que está conhecendo os costumes do Daime.

Figura 8 – A liga. Santo Daime. 20/05/2014.



Fonte: (youtube.com)

Depois de experienciar o fluído, a repórter fica em estado impassível e não consegue explicar o que sente quando perguntada pelo seu parceiro Thaíde (Altair Gonçalves). Sabemos que na língua portuguesa e no jornalismo não somente podemos obter respostas verbalmente como há também expressões corporais, que são capturadas pela lente da câmera, dando sentido a matéria que pouco fala a noticiarista.

A expressão corporal é uma das formas de comunicação não verbal do ser vivo em sua relação com os outros seres. Entre os seres humanos, algumas atitudes, algumas expressões denotam claramente o estado de ânimo do indivíduo e a prática da observação adquirida na própria vida de relações sociais nos ensina a distinguir e interpretar cada uma dessas expressões, pois tudo que o ser humano realiza na realidade de todo o dia exige uma expressão corporal que pode denotar um especial estado de espírito. (GRISANTE; BURGO. 2014 p.1).

Além de um todo sobre os sentimentos e opiniões da personagem principal, entram também com informações para o público, como por exemplo, quais são os ingredientes para fazer a receita.

7 CONCLUSÃO

A temática gonzo abre um novo horizonte para a composição da informação e, ao usufruir desta modalidade, o criador tem uma ampla liberdade com as palavras e a notícia pode começar antes mesmo que suas ferramentas de gravação em áudio e vídeo entrem em ação.

O estilo abordará temas em primeira pessoa experimentados pelo autor, dessa forma, a notícia se mostrará por meio de subjetividade, relatando sentimentos e atividades do repórter, isso faz com que a notícia caia muitas vezes em um estilo reportagem crítica/crônica.

O autor pode persuadir através dos textos e das experiências relatadas misturando suas imersões de experiências com ficções criadas por abusos de drogas ilícitas ou devaneios do criador.

O gonzo tem de ser bem dosado, o escritor pode por suas habilidades ao expressar seus textos, mas não se deve extrapolar de características como o abuso do sarcasmo, a reportagem pode perder credibilidade e ficar confusa, podendo não ter o objetivo pretendido.

Há vários modos que se pode introduzir o modo gonzo, dentre eles o estilo documentário está sendo uma grande aposta, além de filmes baseados em livros do Thompson contando sua histórias quando escritor.

O jornalismo gonzo com suas vertentes aparecerá de forma mais estável nos próximos anos. As novas plataformas para se fazer jornalismo já existem, uma vez que não precisamos mais ficar totalmente a mercê do velho jornalismo, é possível criar conteúdo rompendo do modo tradicional. O gonzo se destacaria em reportagem específica, quando o emissor e o receptor tem certo entendimento sobre o assunto abordado. Porém, assistir esse tipo matéria absolutamente parcial, pode ser um erro para o telespectador de primeira viagem, podendo-o inclinar para apenas um lado da história.

REFERÊNCIAS

AREDÊS DE, Nayara. Hunter S. Thompson e Bernardo Biagioni: influencia e descontinuidade no jornalismo gonzo. 2014.

Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-1059-1.pdf?fbclid=IwAR0ROAqTexUA1T2cXgPALjHk5HdSNPweZ-KgyIrkjgD8DpMnX8HFzuAFLuI>>. Acesso em: 25.set.2019.

CINZAS de Hunter Thompson são lançadas de um canhão nos EUA. Folha de São Paulo, São Paulo, 21 ago. 2005. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u52875.shtml>>. Acesso em: 21 out. 2019.

DEMÉTRIO, S. R. Por um jornalismo contracultural: linhas de fuga no new journalism. São Paulo: USP, 2007.

Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27152/tde-23072009-0244119/publico/2155390.pdf>>. Acesso em: 18. Set. 2019.

EXCEPCIONALMENTE ARTHUR VERÍSSIMO. Revista trip, 2014. Disponível em:

<<https://web.archive.org/web/20140513100520/http://revistatrip.uol.com.br/129/moda/08.htm>>. Acesso em: 20 set. 2019.

Expressão corporal: uma reflexão pedagógica.

SANTOS GRISANTE, Rogério. ; GERALDINI BURGO, Ozilia. 2014.

Disponível em:

<http://www.cesumar.br/prppge/pesquisa/mostras/sete_mostra/rogerio_santos_grisante.pdf> Acesso em: 17 set 2019.

LACERDA, Luciene. O Jornalismo Gonzo: um possível diálogo entre Hunter S. Thompson e Arthur Veríssimo.2007.

Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/O%20jornalismo%20gonzo.pdf?fbclid=IwAR3XbKE42UnT2SS3FI5kMTApLgE6BhY-1rDavIdspljtj3C6q75hfNTfF7i0>>. Acesso em: 23. set. 2019.

LINS DA SILVA, Carlos Eduardo. O adiantado da hora. Influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus Editorial, 1991.

O Documentário como Gênero Jornalístico Televisivo.

T.V. DE MELO, Cristina. ; Mª DE A. M. GOMES, Isaltina. ; P. DE MORAIS, Wilma.

Disponível em:

<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/e969053bfccdc7be14f5e0a009b95215.pdf>> Acesso em: 23 set 2019.

THOMPSON, Hunter. A grande caçada aos tubarões; Histórias estranhas de um tempo estranho. São Paulo: CONRAD do Brasil, 2004.

THOMPSON, Hunter. HellsAngels.TraduçãoDaniel Pellizzari. Porto Alegre: L&PM, 2010.

THOMPSON, Hunter. Rum – Diário de um Jornalista bêbado. Tradução Daniel Pellizzari. Porto Alegre: L&PM, 2014.

VERÍSSIMO, Arthur. Gonzo! 30 anos de reportagens. Santos, SP: Realejo Edições, 2014.

WEINGARTEN, Marc. A Turma que não escrevia direito. Rio de Janeiro: Record, 2010.